

As Contribuições da Reforma Protestante para a Ciência

The Contributions of the Protestant Reformation to Science

Yann da Silveira Vieira Lessa¹

¹ Mestrando em Teologia (M.Div) pelo Seminário Martin Bucer. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. yann.svl@gmail.com

Resumo

Este artigo busca pesquisar o impacto dos ideais da Reforma Protestante na ciência moderna. O objetivo é averiguar se a mentalidade protestante contribuiu verdadeiramente para o avanço das ciências nos séculos 16 e 17. Inicia-se com a ideia propagada por Lutero do sacerdócio de todos os crentes. Em seguida, a contribuição de Calvino no desenvolvimento da doutrina da graça comum é analisada, especialmente sob a ótica de Kuyper. Por fim, a Teoria da Acomodação de Calvino é exemplificada, mostrando a receptividade do reformador para as novidades científicas. A Reforma Protestante contribuiu de modo singular para a mudança de mentalidade necessária para o avanço das ciências no início da Idade Moderna.

Palavras-chave

Reforma Protestante; Ciência; João Calvino; Martinho Lutero.

Abstract

This article seeks to research the impact of the ideals of the Protestant Reformation on modern science. The objective is to find out whether the Protestant mentality truly contributed to the advancement of science in the 16th and 17th centuries. It begins with the idea propagated by Luther of the Priesthood of All Believers. Next, Calvin's contribution to the development of the doctrine of common grace is analyzed, especially from Kuyper's perspective. Finally, Calvin's Theory of Accommodation is exemplified, showing the reformer's receptivity to scientific innovations. The Protestant Reformation contributed in a unique way to the change in mentality necessary for the advancement of science in the early modern period.

Keywords

Protestant Reformation; Science; John Calvin; Martin Luther.

1. Introdução

Muitas foram as mudanças nos séculos 16 e 17 que possibilitaram uma guinada na busca pelo saber científico. Já havia na Idade Medieval um certo avanço científico — as universidades, por exemplo, foram de extrema importância para a propagação do conhecimento; mas nada que se compare ao avanço exponencial observado na Idade Moderna. A sociedade como um todo se transformava. A economia se reorganizava com uma classe burguesa em ascensão e as descobertas marítimas remodelavam o mundo conhecido. Outras mudanças essenciais, muitas vezes subestimadas por historiadores da ciência, foram as realizadas pela Reforma Protestante, que trouxe uma nova ética e uma nova forma de encarar o conhecimento da natureza. O foco estará nos dois maiores representantes e líderes da primeira e segunda geração de reformadores, respectivamente: Lutero e Calvino. O trabalho está dividido em três partes, tratando primeiro da defesa que Lutero faz do sacerdócio de todos os crentes; em seguida a visão positiva que os calvinistas possuíam do conhecimento da natureza, por meio do princípio dos dois livros de Deus; e, por fim, a teoria da acomodação de Calvino que permite uma visão hermenêutica não cientificista da Bíblia.

2. O Sacerdócio de Todos os Crentes

Uma Igreja dominante era o retrato da Idade Medieval. O poder político-religioso exercido pelos papas e demais sacerdotes controlava a sociedade. Não se pretende aqui construir uma imagem reducionista da Igreja Medieval, pois sem suas contribuições não poderia haver a Modernidade. Muitos católicos foram responsáveis por descobertas científicas importantes. “O estabelecimento medieval de universidades, o desenvolvimento de uma cultura de debate, e o rigor lógico da teologia escolástica, todos ajudaram a fornecer o clima e cultura necessários para a Revolução Científica”² (PRINCIPE in NUMBERS, 2020, p. 147). Não obstante, foram princípios e práticas da Reforma Protestante que possibilitaram um avanço ainda maior do conhecimento científico. Quando a Reforma fincou suas bases e se estabeleceu como um movimento de renovação da Igreja, a porta para uma crítica às instituições estava aberta. Ela ensinou o homem moderno a criticar instituições antes encaradas como soberanas e intocáveis.

² Ele começa dizendo: “Finalmente, historiadores da ciência hoje reconhecem que os desenvolvimentos impressionantes no período denominado Revolução Científica dependeram em grande parte da contribuição e fundamentos que vêm da alta Idade Média, ou seja, antes das origens do protestantismo. Este fato também deve ser lembrado quando se fala da contribuição dos católicos e de sua igreja na Revolução Científica. Observações e teorias medievais sobre óptica, cinemática, astronomia, matéria e outros campos forneceram informação essencial e pontos de partida para os desenvolvimentos dos séculos 16 e 17”.

Martinho Lutero direcionou seus ataques a uma Igreja que havia se tornado clericalista, com uma hierarquia pesada que não encontrava respaldo nas Escrituras.

É pura invenção que o papa, os bispos, padres e monges devam ser chamados de ‘classe espiritual’; príncipes, senhores, artesãos e camponeses de ‘classe secular’. Isso é, de fato, uma invenção e um engano muito sutil. Ainda assim, ninguém deve ser intimidado por isso; e por este motivo: na verdade, todos os cristãos são a ‘classe espiritual’, e não há entre eles diferença alguma, a não ser a ocupação que possuem [...] (LUTERO, 2017, p. 92).

Lutero rompe com a separação entre uma classe espiritual e uma classe secular, onde os espirituais são privilegiados e superiores. Na verdade, todos os cristãos deveriam encarar suas profissões como sendo espirituais, só distinguindo-se a função de cada um. Todos estavam, em Cristo, na mesma posição diante dos irmãos de fé como sacerdotes.

Lutero faz um julgamento acerca do papel dos sacerdotes e leigos, defendendo que não existe diferença entre as ordens temporais e espirituais, de modo que sacerdotes e leigos seriam iguais e os sacerdotes seriam apenas funcionários da sociedade cristã, responsáveis pela educação espiritual de pequenos grupos sob sua jurisdição. Não caberia somente ao clero decidir o rumo da igreja, mas a toda a comunidade, sem privilégios ou hierarquia, devido à posição espiritual ocupada por seus integrantes. Essa postura de Lutero mostrou um confronto claro e direto ao papa, aos bispos e a toda a hierarquia da Igreja Católica (LANFRANCHI, 2019, p. 95).

Ao atacar este clericalismo da igreja, Lutero percebe que o acesso às Escrituras deveria ser promovido para todos os crentes. Foi através da leitura bíblica que ele percebeu os erros da Igreja Romana. “Para o reformador estava claro que a interpretação bíblica não pertencia a um sacerdote, ou à uma classe de sacerdotes, ou seja, ao clero, mas ao sacerdócio no qual todas as pessoas crentes batizadas estão inseridas e exercem sua vocação” (WACHHOLZ; SELL, 2018, p. 78). Essa integração de todos os membros no processo hermenêutico fez crescer o senso crítico dos protestantes. Além disso, vale ressaltar que a hermenêutica incentivada pelos reformadores não se assemelhava com as leituras alegóricas tão comuns no Medieval. Pelo contrário, eles enfatizaram a necessidade de se buscar o sentido claro do texto.

Uma vez que a mentalidade voltada para simbolismo medieval foi abandonada, a insistência protestante de que o sentido óbvio das coisas fosse adotado contribuiu para que a sociedade procurasse maneiras “científicas” de explicar e encontrar utilidades práticas para os diferentes fenômenos naturais observados (ARAUJO, 2017, p. 148).

Se o significado direto das palavras não era considerado apenas um símbolo para algo além delas mesmas, então a própria realidade passaria a ser encarada dessa forma. Um olhar mais científico, utilitarista e empírico teria, portanto, maior aceitação entre os protestantes com o tempo. A ciência foi claramente moldada pelos mesmos ideais que moldaram a mente dos protestantes. O modo como o protestantismo encarou a tradição incentivou os filósofos naturais a fazer o mesmo. Se Lutero disse não à infalibilidade papal, o mesmo seria dito a qualquer tradição científica que quisesse convencer apenas pela tradição.

Assim como a Reforma religiosa assumiu uma atitude independente, não apenas em relação ao escolasticismo medieval, mas mesmo (ainda que mais respeitosa) em relação aos Fundadores da Igreja, da mesma maneira a reforma científica rejeitou, não apenas a física escolástica, como também, em muitos casos, a crença humanista na infalibilidade dos antigos (HOOYKAAS, 1988, p. 142).

Johannes Kepler é um bom exemplo de um cientista que possuía uma cosmovisão protestante. Ele era um luterano devoto e, apesar de respeitar a tradição, não admitia que nada se colocasse no lugar dos fatos.

A adesão aos fatos, como atitude religiosa, pode ser exemplificada pela mudança de atitude de Kepler face ao sistema planetário. Inicialmente influenciado pelo platonismo, Kepler esteve convicto da circularidade e da uniformidade dos movimentos dos corpos celestes, tanto quanto Copérnico (e também Galileu), para quem tais qualidades correspondiam a necessidades metafísicas. Mas, tendo observado uma pequena diferença de uns poucos minutos naqueles movimentos, terminou propondo a existência de órbitas elípticas e não uniformes, inaugurando assim a astronomia moderna, enquanto Copérnico ainda se mantinha preso a concepções tradicionais. Liberdade religiosa e liberdade científica, ambas relacionadas aos 'fatos', bíblicos e naturais, caminhavam, assim, juntas. O argumento da autoridade, caracteristicamente escolástico, cedia lugar à autoridade da experimentação e ao exame direto dos fatos (WOORTMANN, 1996, p. 49).

O próprio Kepler, corajosamente colocando as verdades dos fatos acima do magistério e da tradição da Igreja, diz:

Santo é Lactâncio, que negava que a Terra fosse esférica; santo é Agostinho, que admitia a esfericidade da Terra, mas rejeitava a existência de Antípodas; santo é o Ofício, que aceitou os antípodas, embora rejeite o movimento da Terra [...] porém mais santa ainda para mim é a Verdade, que revela que a Terra é uma pequena esfera, que os antípodas existem, e que a Terra está em movimento (KEPLER apud HOOYKAAS, 1988, p. 146).

Esse era o espírito da ciência que florescia e dava seus primeiros frutos. Os cientistas cristãos se viam na obrigação de servir primeiro a Deus, o Criador da natureza e dono de toda verdade antes de servir a qualquer tradição religiosa. Para eles, se submeter cegamente à tradição seria negligenciar os dons noéticos que Deus colocou no homem. Conhecer a natureza através de um uso adequado da razão era visto como uma oportunidade de glorificar aquele que criou tanto a natureza como a mente humana. Seria tolice argumentar que os únicos motores para a revolução que surgia estavam vindo do Protestantismo, mas é notório que muitos ideais da Reforma possuíam um mérito sobre a nova ciência que se formava.

3. Os Dois Livros de Deus

Se através do sacerdócio universal o cristão deveria se sentir motivado a ler as Escrituras, com uma concepção correta da criação de Deus esse mesmo cristão deveria ser motivado a ler o outro livro de Deus — o livro da natureza. As confissões protestantes, em especial as calvinistas, sempre tiveram a preocupação de resgatar a natureza como um lugar de revelação do Senhor. A confissão belga, de 1561, diz em seu segundo artigo, sobre como o ser humano conhece a Deus:

Nós o conhecemos por dois meios. Primeiro: pela criação, manutenção e governo do mundo inteiro, visto que o mundo, perante os nossos olhos, é como um livro formoso, em que todas as criaturas, grandes e pequenas, servem de letras que nos fazem contemplar ‘os atributos invisíveis de Deus’, isto é, ‘o seu eterno poder, como também a sua própria divindade’, como diz o apóstolo Paulo (Rm 1.20). Todos estes atributos são suficientes para convencer os homens e torná-los indesculpáveis [...] (BRÈS in BÍBLIA, 2009, p. 1750).

A confissão segue que o conhecimento de Deus por meio das Escrituras é mais claro e pleno do que por meio da natureza; mas é significativo que natureza e Escritura sejam colocadas como duas fontes de revelação de Deus lado a lado. Como Kuyper (2014, pp. 186-188) percebe, o fato do livro da natureza ser escrito pelas mãos divinas deve fazer com que o homem se volte com reverência e anseio por conhecer as obras maravilhosas de Deus. O calvinismo, portanto, rejeitava a visão da santidade como fuga do mundo. O Redentor é também o Criador, de modo que Deus é adorado quando a natureza é estudada e contemplada. Calvino, em suas Institutas, fala de como a simples contemplação das belezas naturais revelam a providência e a beleza de Deus. Porém, aqueles que conhecem as ciências naturais, como astronomia e medicina, chamadas por ele de artes liberais, podem ir ainda mais longe no conhecimento da sabedoria divina. O cientista tem um lugar privilegiado diante do belo livro de Deus.

De fato, quantos nessas artes liberais à farta se abeberaram, ou mesmo apenas de leve as experimentaram, ajudados por sua contribuição, são levados muito mais longe na penetração dos segredos da divina sabedoria. [...] Sem dúvida que para investigar os movimentos dos astros, determinar-lhes as posições, medir as distâncias, notar as propriedades, requer-se arte e a mais rigorosa aplicação. Como, ao serem essas coisas perscrutadas, mais explicitamente se projeta a providência divina, assim, para contemplar-lhe a glória, impõe-se à alma que se eleve um tanto mais alto (CALVINO, 1985a, p. 62).

A ciência surge, então, como uma possibilidade de culto a Deus. Numa época em que a religião era necessária para a validação das pesquisas científicas, as ideias de Calvino funcionaram como um grande propulsor para o estudo da natureza. E se, como se lê nas Institutas, o estudo dos astros, do corpo humano e da natureza em geral permitem ao homem contemplar mais a Deus, seria um pecado de negligência não fazê-lo. O que permitiu a Calvino transpor o dualismo medieval natureza/grça foi a sua compreensão da grça comum. Para ele, o Espírito Santo exerce influência não apenas sobre os crentes, mas também sobre os descrentes. É essa porção da grça, que permanece no homem caído, que permite a ele acessar a verdade. Em suas próprias palavras:

Quantas vezes, pois, entramos em contato com escritores profanos, somos advertidos por essa luz da verdade que neles splende admirável, de que a mente do homem, quanto possível decaída e pervertida de sua integridade, no entanto é ainda agora vestida e adornada de excelentes dons divinos. Se reputarmos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade, a própria verdade, onde quer que ela apareça, não a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus (CALVINO, 1985b, p. 43).

A grça comum, que a todos abrange, deve levar o homem a buscar a verdade e aceitá-la, onde quer que a encontre. Se foram os antigos filósofos pagãos a encontrá-la ou observações empíricas modernas, esta verdade vem de Deus e não deve ser rejeitada. A grça comum “[...] protege a cristandade bíblica do orgulho sectário que leva um cristão a fugir do mundo e a rejeitar, sem motivo, tudo que surge na cultura ocidental [...]” (DOOYEWEERD 2015, p. 54). O cristão não deveria ter preconceito em receber um conhecimento que foi investigado e descoberto por um não cristão.

Um calvinista que busca a Deus, nem por um momento pensa em limitar-se à Teologia e à contemplação, abandonando as outras ciências, como sendo de um caráter inferior, nas mãos de incrédulos; mas pelo contrário, considerando a ciência como sua tarefa, a fim de conhecer Deus em todas as suas obras, está consciente de ter sido chamado para sondar, com toda a energia de seu intelecto,

as coisas terrenas bem como as coisas celestiais; para abrir a observação tanto a ordem da criação quanto a “graça comum” do Deus que ele adora, na natureza e seus maravilhosos atributos, na produção da indústria humana, na vida da humanidade, na sociologia e na História da raça humana. Assim, vocês percebem como este dogma da “graça comum” subitamente removeu o interdito, sob o qual a vida secular tinha colocado limite, mesmo sob o risco de chegar muito perto de uma reação em favor de um amor unilateral por estes estudos seculares (KUYPER, 2014, pp. 194-195).

Na Inglaterra, um dos movimentos mais influenciados pelo calvinismo foi o puritanismo. Isso explica o relato de Hooykaas acerca da Royal Society, fundada em 1660 para promover as ciências naturais:

Sessenta e dois por cento dos membros da Royal Society eram de origem nitidamente puritana, um percentual que se torna mais significativo em razão de constituírem os puritanos uma minoria da população. Sociólogos católicos romanos confirmaram que, até bem recentemente, houve uma tendência mais acentuada, da parte de estudiosos protestantes, a se voltarem para estudos tecnológicos e científicos do que entre os católicos romanos (HOOYKAAS, 1988, p. 128).

Os puritanos, julgados por vezes como escapistas e dualistas, foram responsáveis por grandes avanços sociais e científicos. Alguns apontam, como Max Weber e Robert Merton, que tal labor puritano seria motivado pela crença de que as riquezas e o sucesso seriam demonstrativos da predestinação. Embora haja certo sentido em tal colocação, Hooykaas discorda dessas afirmações ao analisar outros pesquisadores. Segundo ele, diferentes sociólogos viram na predestinação tanto um motivo para o labor econômico e científico, quanto para um fatalismo determinista que tolhe o indivíduo em sua ação no mundo.

[...] a doutrina da predestinação e eleição tem sido considerada tanto a causa do fatalismo e antinomismo, como a base de uma preocupação “católica” por boas obras. Também o jansenismo, com sua ênfase na doutrina da eleição, tem dado origem às mesmas afirmações contraditórias. Segundo Merton, os ensinamentos de Jansênio afastaram Pascal do estudo da ciência; ao passo que, na opinião de S. F. Mason, a doutrina da eleição aproximou os jansenistas da ciência (HOOYKAAS, 1988, p. 134).

Mais adiante ele conclui: “[...] as agudas perquirições dos sociólogos não conseguem descobrir nenhum elo entre a ideia de predestinação de Calvino e o capitalismo ou a ciência moderna” (HOOYKAAS, 1988, p. 136). Contudo, a doutrina da providência,

que está conectada com a predestinação, pode sim ter ocasionado avanços científicos. Kuyper defende que a confissão na providência de Deus foi importante para dar ordem ao mundo. Ele leva seus ouvintes a imaginarem a desordem de um mundo que não possui a ideia de um Criador e Sustentador soberano. O calvinismo, com sua firme proclamação da soberania e providência de Deus sobre tudo e todos, teria proporcionado uma visão mais ordenada da realidade. Em suas palavras: “E quem há que não perceba que um impulso inteiramente novo para empreender investigações científicas se originou do Calvinismo recém-nascido? Com um poderoso controle ele trouxe ordem ao caos [...]” (KUYPER, 2014, p. 181).

Dessa forma, graça comum e providência se aliaram na tradição reformada para impulsionar os cristãos na busca pelo conhecimento científico. Outro ponto que merece destaque é a contribuição de Calvino para uma exegese bíblica que não impede o diálogo com as ciências.

4. A Teoria da Acomodação

Para que o ser humano compreenda algo de Deus, é necessário que este se revele. Porém, se Deus se revelasse de modo direto, o ser humano não poderia alcançá-lo. Ele, então, se acomoda ao homem para fazer-se compreensível. Essa é a proposta de Calvino. “Calvino alega que, no ato da revelação, Deus acomoda-se à capacidade da mente e do coração do ser humano. Deus manifesta uma imagem que somos capazes de entender” (MCGRATH, 2005, p. 308). Tal acomodação não deve levar a uma alegorização do texto bíblico. A hermenêutica alegórica via sentidos ocultos em passagens onde o sentido literal era o pretendido pelo autor; já Calvino prezava, como os demais protestantes, pelo sentido literal. Porém, ele reconhecia que Deus se acomodou à linguagem e ao conhecimento vigente do ser humano no texto bíblico. A pretensão divina não era revelar ciência moderna no texto bíblico, mas se fazer compreendido no nível de conhecimento que as pessoas possuíam à época.

Tanto João Calvino como seus discípulos defenderam a teoria da acomodação que, usando de linguagem simples para falar a um povo simples, permitiu-se a alguns erros vulgares. Tais erros foram permitidos com o fim de o Espírito transmitir sua mensagem espiritual para o povo. É a isso que Calvino chama de balbuciar do Espírito (PORTE JÚNIOR, 2013).

Ao se referir aos defeitos na linguagem e no estilo de Paulo, Calvino não busca esconder a humanidade por trás da escrita. Sua ideia de inspiração bíblica é orgânica, com Deus respeitando certos limites do autor humano sem com isso retirar a origem

celestial do texto. Ele vai notar, ao comentar Romanos 5.15, por exemplo, uma certa falta de maestria por parte de Paulo, se comparado a outros oradores:

Na verdade, estas são as falhas em sua linguagem, mas que de forma alguma ofuscam a majestade daquela sabedoria celestial que nos é transmitida pelo apóstolo. Ao contrário, a singular providência de Deus nos transmitiu estes profundos mistérios nas roupagens de pobres estilos [humanos], para que nossa fé não se apoiasse no poder da eloquência humana, mas tão-somente na eficácia do Espírito (CALVINO, 2014a, p. 123).

Os defeitos no discurso apenas tornam mais bela a mensagem preciosa de Cristo. O Espírito Santo se utilizou de autores humanos, com suas limitações, para falar. Comentando 1 Coríntios 11.14, onde Paulo diz que é natural ao homem ter cabelo curto, Calvino (2014b, l. 7307) afirma que este não era um dado da natureza, como Paulo diz, mas era uma cultura específica do contexto dos coríntios e dos gregos em geral daqueles dias. Paulo então teria se acomodado aos coríntios e cometido, de certa forma, um equívoco. Deve ficar claro que a acomodação não diminui o valor da Bíblia, mas apenas busca compreendê-la como é — um livro divino e um livro humano. Não se deve confundir de modo algum a teoria da acomodação com a tentativa posterior de teólogos liberais de retirar da Escritura aquilo que não consideravam “científico” ou “lógico”, desrespeitando o texto sagrado. Hooykaas (1988, p. 155) percebe que pensar em termos de acomodação não diminuiu o respeito de Calvino pelas Escrituras. Na verdade, a linguagem simples, que até o mais humilde compreende, se compara com o Cristo que se fez carne. Jesus é o Deus que se acomoda a uma condição humana para se fazer entendido; não se deveria esperar algo distinto nas Escrituras. A Bíblia, portanto, não pode ser interpretada como livro científico.

Quando afirmamos que João Calvino contribuiu grandemente para o desenvolvimento das ciências modernas, assim fazemos pelo fato de ele ter lidado de maneira honesta com o literalismo bíblico. [...] O grande problema de muitos que hoje lidam com o tema “religião e ciência” ainda reside no fato de querer encontrar na Bíblia um verdadeiro repositório de livros-texto sobre astronomia, geografia ou biologia. A ênfase de João Calvino era de que a Bíblia trata fundamentalmente do conhecimento de Jesus Cristo. [...] É deste modo que Calvino lança luz sobre uma opção melhor de interpretação das Escrituras. Não mais olhar para a Bíblia como um livro que se preocupa com a infalibilidade em assuntos geográficos, físicos, químicos, botânicos, astronômicos, dentre outros, mas como um livro que se preocupa em aumentar nosso conhecimento de quem é Jesus Cristo, o Deus-Filho. A Bíblia, na visão de João Calvino, quando cita algo relacionado hoje ao estudo das ciências naturais, o cita de forma acomodativa, dentro dos limites do conhecimento de então. É a isso que se chama de Teoria da Acomodação (PORTE JÚNIOR, 2013).

Ao comentar Gênesis 1.16, Calvino (2018, pp. 52-53) faz um verdadeiro apelo para que o seu leitor não tomasse as palavras mosaicas como um relato científico. Tratando principalmente das descobertas astronômicas ele comenta:

Moisés apresenta dois grandes luminares; mas os astrônomos provam, por razões conclusivas, que o astro de Saturno, o qual, em razão de sua grande distância, parece o menor de todos, é maior que a lua. A diferença é que Moisés escreveu num estilo simples sobre aquelas coisas que todas as pessoas simples, sem instrução, mas dotadas com senso comum, são capazes de entender; mas os astrônomos investigam com grande labor tudo o que a sagacidade da mente humana pode compreender. Contudo, esse estudo não deve ser reprovado, nem essa ciência, condenada, porque algumas pessoas frenéticas costumam rejeitar ousadamente tudo quanto não lhes pode ser conhecível. Pois a astronomia é não só agradável, mas também muito útil ao conhecimento; não se pode negar que essa arte descortina a admirável sabedoria de Deus.³

Ele reconhece a linguagem fenomenológica de Moisés ao escrever o relato da criação. O Espírito não pretendia revelar verdades científicas, mas verdades que até os incultos e indoutos pudessem perceber. O objetivo central da Bíblia é revelar Deus aos homens e não ensinar ciência moderna. A Bíblia era, para Calvino, o livro dos incultos. Aquele que quisesse conhecer astronomia e outras artes deveria procurar em outro lugar. O filósofo e cientista puritano John Wilkins (apud HOOYKAAS, 1988, p. 150), membro da Royal Society, escreve na mesma direção que Calvino:

Seríamos felizes se pudéssemos isentar a Escritura de controvérsias filosóficas; se nos contentássemos em deixá-la ser perfeita dentro da finalidade para a qual foi concebida, como uma regra de nossa Fé e Obediência, e não tentássemos transformá-la também em Juiz dessas Verdades Naturais que devem ser descobertas por intermédio de nossa própria Indústria e Experiência.

Essa abordagem deve levar o teólogo cristão a não se perder numa hermenêutica aparentemente fiel, mas que termina por abusar do texto bíblico. Não se deve buscar um conhecimento na Bíblia que nem Deus e nem seus autores humanos se propuseram

³ Ele continua: “Por isso, como os homens engenhosos devem ser honrados, os quais têm despendido proveitoso trabalho sobre esse tema, assim aqueles que dispõem de tempo e capacidade não devem negligenciar esse tipo de exercício. Moisés realmente não quis nos afastar dessa busca, omitindo tais coisas que são peculiares à essa arte; mas, porque foi ordenado como mestre tanto do indouto e rude, quanto do erudito, ele não poderia cumprir seu ofício de outro modo, senão descendo a esse método mais rude de instrução. Tivesse ele falado de coisas geralmente desconhecidas, o indouto poderia alegar, como desculpa, que tais temas estavam além de sua capacidade. Finalmente, visto que o Espírito de Deus abre, aqui, uma escola comum a todos, não surpreende que principalmente escolhesse aqueles temas que fossem inteligíveis a todos”.

a oferecer. Assim, o cientista cristão deve se sentir livre para realizar suas pesquisas em busca de verdades científicas no livro certo, no livro da natureza. Embora a própria tradição calvinista tenha se diversificado em muitas ramificações, fica claro que há em Calvino e em muitos de seus seguidores um caminho saudável tanto para a interpretação bíblica quanto para motivar aqueles que se propõem a interpretar a natureza.

5. Considerações Finais

A Reforma Protestante contribuiu e muito para o desenvolvimento da ciência moderna. O cientista cristão não precisa se desculpar por buscar conhecer, pois a natureza é um dos livros de Deus, lugar em que sua beleza e providência se revelam aos homens. Lutero ensinou que não importava a força da tradição se esta estivesse contra a verdade. Calvino inspirou cristãos a não lerem as Escrituras de modo reducionista, como livro de ciências. Os cristãos fariam bem em se assentar com os mestres reformadores e aprender seus princípios. Religião e ciência não precisam estar em guerra. Da igreja do Criador deveriam surgir os melhores e mais apaixonados cientistas do mundo.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Glauber S. A Hermenêutica Protestante e o Surgimento da Ciência Moderna. **Revista Caminhando**, São Paulo, v.22, n.2, p. 137-152, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhandodo/article/view/8295>.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009. 1984 p.

CALVINO, João. **1 Coríntios**. Série Comentários Bíblicos. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014b. 602 p. Edição do Kindle.

_____. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**. Vol.1. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985a. 333 p.

_____. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**. Vol.2. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985b. 445 p.

_____. **Gênesis**. Série Comentários Bíblicos. Livro 1. Tradução de Valter Graciano Martins. Curitiba, PR: CLIRE, 2018. 563 p. Edição do Kindle.

_____. **Romanos**. Série Comentários Bíblicos. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014a. 599 p. Edição do Kindle.

DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental**. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. 256 p.

HOOYKAAS, Reijer. **A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna**. Tradução de Fernando Dídimo Vieira. Brasília: Editora Polis - Editora Universidade de Brasília, 1988. 196 p.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. Tradução de Ricardo Gouvêa. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. 323 p.

LANFRANCHI, Marcelo A. Lutero e o Sacerdócio Universal do Crente. **REVELETEO – Revista Eletrônica Espaço Teológico**, São Paulo, Vol. 13, n. 24, p.81-99, jul/dez 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleteo/article/download/45220/31295>.

LUTERO, Martinho. **Martinho Lutero: uma coletânea de escritos**. Tradução de Johannes Bergmann, Arthur Wesley Dück e Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2017. 448 p.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã**. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005. 664 p.

NUMBERS, R. L. (org.). **Terra Plana, Galileu na Prisão e Outros Mitos Sobre Ciência e Religião**. Tradução de Aline Kaehler. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. 336 p.

PORTE JÚNIOR, Wilson. A Relação entre João Calvino e o Desenvolvimento das Ciências Modernas. **Revista Teologia Brasileira**, [s.l.], n.21, 10 nov. 2013, não paginado. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/a-relacao-entre-joao-calvino-e-o-desenvolvimento-das-ciencias-modernas/>. Acesso em: 25/06/2024.

WACHHOLZ, Wilhelm; SELL, Wilhelm. Sacerdócio Geral de Todas as Pessoas Crentes: uma Introdução à Perspectiva de Martinho Lutero, **Encontros Teológicos**, Florianópolis, Vol. 33, n.1, pp. 69-86, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/download/827/556/1286>.

WOORTMANN, Klass. Religião e Ciência no Renascimento. **Série Antropologia**. Brasília, n. 20, pp.1-86, 1996. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie200empdf.pdf>.